

ANDANÇAS: CAMINHOS NA SINGULARIZAÇÃO DE UM MÉTODO DE TREINAMENTO PRÓPRIO.

Angela Souza de Araújo

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Corpo, técnica corporal, dança contemporânea.

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões e proposições presentes na minha pesquisa sobre a Companhia da Arte Andanças que se propôs a compreender como a relação entre corpo e cultura pode ser observada por meio de um artefato cultural: a dança.

Mauss (1974) foi o deflagrador com o conceito de técnica corporal - uso que fazemos do corpo - da minha proposta de trabalhar com a relação entre cultura e corpo na dança. A dança é um “uso que fazemos do corpo”, podemos observar pessoas dançando com técnicas corporais distintas, produtos de três elementos indissolivelmente misturados: o social, o biológico e o psicológico.

No “Manual de Etnografia”, Mauss (1972) dá algumas indicações de como proceder na investigação das técnicas corporais e dos fenômenos estéticos. A dança como “uma técnica do corpo que comporta um movimento estético” deve ter seu estudo iniciado por uma investigação das técnicas corporais que ela comporta, deve-se ainda fazer uma análise segunda as indicações dos dançarinos, perguntando-lhe a história de sua dança e o modo de ensino. Ele aponta procedimentos metodológicos para o estudo da dança, que poderá ser apresentado por meio de um inventário etnográfico das técnicas corporais que a dança utiliza e de seu processo de incorporação.

Minha pesquisa se configura como um inventário etnográfico das técnicas corporais sistematizadas pela Companhia da Arte Andanças, e consiste na descrição do processo de incorporação da visão de mundo, corpo e dança dos membros¹ da companhia por meio da narrativa de suas trajetórias na dança e no processo de criação da obra dançante o “Tempo da Delicadeza”². Mas para este artigo me deterei na enunciação de algumas proposições sobre a visão de corpo, dança e o método particular de trabalho corporal desenvolvido dentro da companhia.

No momento que surge, 1991, o Andanças questiona o corpo e os sentidos construídos pela dança que se fazia até então em Fortaleza, e propõe a descoberta de outro corpo e outros sentidos.

Primo, em seu estudo sobre a dança cearense, indica que havia um processo de mutação em curso na dança no início dos anos 90 e ressalta o papel da companhia ao afirmar que nesse “processo de mutação da dança cênica no Ceará, certamente tem como uma de suas linhas marcantes a existência do Andanças” (PRIMO, 2004:278).

A Companhia da Arte Andanças é uma iniciativa que criou um pólo de resistência e potencializa processos de transformação, em contraponto ao processo de educacionais da dança que se estabeleceram atrelados a uma visão mecanicista e dualista de corpo e educação, não existindo “uma preocupação com o processo criativo corporal individual, muito menos em traçar relações entre corpo, dança e sociedade.”(MARQUES, 2003: 111)

A companhia propõe a busca de outros modos de fazer dança na cidade. Criando espaços de troca e pesquisa, agenciando experimentações, encontros e discussões, nas instâncias prática, intelectual, criativa e política da dança. Desse modo, materializa uma forma de viver, trazendo um modo particular de pensar e agir sobre o corpo e a dança.

Nessa forma de viver, nesse modo particular produzido pelo Andanças estão dispostos vários elementos. A sua visão de corpo parte da relação que não dissocia mente e corpo, igualmente o corpo não é tido como instrumento, algo de que se tem posse, mas algo que se “é”, isto é, um ser corpo, não um ter. Um corpo que significa e age, que se constrói no modo do feito.

Conseqüentemente, institui-se uma “ética” na qual o respeito às individualidades, às pessoalidades, como frisa Andréa Bardawil, e aos diversidade dos corpos são o essencial. Essa “ética” se constitui em oposição a um modo de fazer e visão de corpo anteriormente postos, que na prática impunha um modelo de corpo ideal, ao qual todos dançarinos deveriam moldar-se, a não adequação a esse modelo significava a impossibilidade de dançar. Por isso para a companhia a dança é um direito inalienável, que deve se efetivar por meio do prazer de mover-se e do autoconhecimento corporal.

É recorrente na trajetória dos membros da companhia e nos relatos das experiências de sua diretora a paralisia diante de modelos idealizados de um corpo dançante que valorizam virtuosismos vazios e acabam com a vitalidade da dança. Bardawil sempre se viu sob risco de não mais poder dançar devido a seus limites físicos (um corpo não ideal - ser gorda e os seus problemas de joelho), outra fato que lhe marcou é a desistência de muitos de seus alunos, já que não eram os melhores (tendo como referência o corpo ideal do modelo de ensino das academias) não se achavam com o direito de continuar a dançar. Essas experiências se singularizam em práticas e procedimentos compartilhados, transformados e reforçados pelo e no grupo. Vejamos algumas delas:

Possidônio Montenegro relata³ que quando começou a fazer aulas com o Andanças foi percebendo, o que ele denomina, de “uma coisa humana mesmo” nos modos de ensino na companhia. Conta: “Você não é só mais uma pessoa que dança, você antes de tudo é o Possidônio com sua individualidade, sua diferença, com o que seu corpo tem para dar, não importa se você é gordo, se você é baixo, se você é forte, se você é flexível, você pode dançar”. Refere-se ainda a

um cuidado com cada pessoa (aluno), o incentivo dado para que assistissem a outros espetáculos de dança e teatro e para que tivessem um olhar reflexivo sobre os mesmos. Relata que essas experiências foram lhe deixando à vontade para criar.

O autoconhecimento e autonomia são características elementares do dançarino, que será definido como interprete-criador capaz de mobilizar seu potencial energético, descobrir novas corporalidades, capaz de explorar, selecionar, estruturar e interpretar o material corporal descoberto na exploração de movimentos e que atua ativamente nos processos de criação.

O processo criativo é um momento singular e preeminente do fazer artístico da companhia, no qual vão se estabelecendo modos de fazer. Pois é um momento em que se incorporam as “qualidades de ser do corpo”, que a forma de viver do/em grupo se dá em toda sua multiplicidade e possibilidades, no qual é possível experimentar os vários elementos que compõem essa forma de viver, visão de corpo, hábitos da Companhia da Arte Andanças, que pode ser considerado uma cultura própria dos membros da companhia, uma “cultura do andanças”, uma licença poética uma “cultura andante”. Com seus momentos: de iniciação (entrada em contato com as aulas na companhia), de estranhamento, de identificação, de experimentação, de reflexão, de compreensão e de partidas, pois andar é precioso e múltiplos caminhos podem ser trilhados, sem esquecer todo os caminhos que já foram percorridos, do que ficou na pele, nos ossos, nas mentes; corpo que é memória.

Estabeleceu-se à medida que foram se desenvolvendo os processos de investigação e criação da companhia uma **método particular**⁴ e híbrido de treinamento e de criação na dança que se constitui por meio das teorias teatrais (Barba, Grotowski, Burnier e Lume) e das técnicas de dança e circense (acrobacia) com as quais companhia entrou em contato: dança moderna, modern-jazz, as algumas vertentes da dança contemporânea e das técnicas corporais somáticas.

Apontarei alguns dos procedimentos sintetizados pela companhia: utilizam-se da exaustão física, nos moldes proposto nas teorias de Grotowski e Burnier, mas que foram modificando no decorrer das investigações e processos criativos. Para chegar à alteração de energia, além da exaustão na companhia desenvolveram-se o trabalho com *os amortecedores*, em que o dançarino deve ir ao chão e sair do chão utilizando várias partes do corpo, vários apoios em tempos diversos; o trabalho de *fragmentação*, movimentação das partes do corpo tentando mobilizar o maior número de articulações em várias dinâmicas; com a *acomodação* das articulações do corpo no chão, da *suspensão lenta* de partes do corpo do chão, priorizando o trabalho da contração isométrica.

Para modelar essa energia potencializada, além da utilização dos *princípios que retornam*, utilizam-se dos *fatores de esforço* (tempo, fluxo, peso espaço) dos movimentos, a improvisação, a transposição de formas e impulsos encontrados deitado e tentar repeti-los de pé, usando também treinamento em técnica de dança contemporânea, acrobacia.

Partindo desses elementos descritos podemos perceber o método de trabalho corporal próprio sistematiza e compartilhado no Andanças.

Referência Bibliografia:

DANTAS, Mônica. **O enigma da dança**. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS,1999.

FERRACINI, Ricardo. O Treinamento Energético e Técnico do Ator, in: **Revista do Lume nº 3**. LUME–COEN–UNICAMP.Campinas,2000.p.96-116.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais, in **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: EPUSP, 1974.

MAUSS, Marcel. **Manual de Etnografia**. Lisboa: Editora Pórtico, 1972.

PRIMO, Rosa. **A Dança Possível: As lições do corpo na dança cênica cearense**. Fortaleza, 2004.

¹ Para essa pesquisa os membros entrevistados foram: Andréa Bardawil diretora e a única das fundadoras que ainda permanece no grupo, Andréa Sales, Possidônio Montenegro e Noara Rodrigues membros da companhia que fizeram parte do elenco do “O Tempo da Delicadeza”.

² O projeto “O Tempo da Delicadeza” de Andréa Bardawil ganhou a Bolsa Vitae de Artes/2000. O espetáculo estréia em agosto de 2002. Recebeu apoio do Prêmio Ceará de incentivo às Artes Cênicas e do Encena Brasil.

³ Em entrevista de setembro de 2003. Possidônio Montenegro foi aluno do Andanças e se tornou membro da companhia.

⁴ Esse método particular, podemos dizer é uma técnica pessoal que propicia um modo particular de se dançar. Mas certamente tais métodos, técnicas estão ligados de alguma maneira as experiências dos indivíduos em sociedade. (DANTAS,1999:33).